

Intervenção proferida pelo Deputado Clélio Meneses aquando da discussão do Plano e Orçamento para 2012.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente,

Senhora e Senhores Membros do Governo

*“Se os Açores estão a passar ao lado da crise que afetou o país, bem como da crise internacional (...), isso aconteceu mercê das políticas em devido tempo adotadas pelo Governo do Partido Socialista”.* Onde é que foi dito? Santa Maria; Quando? 8 de Outubro de 2008; Por quem? Carlos César.

*15 de Novembro de 2011, Carlos César diz que “há uma situação de agravamento do desemprego provocada, em primeiro lugar, pelas medidas que estão a ser tomadas pelo Governo de Lisboa e, em segundo, por questões que têm a ver com a total paralisia da banca”.*

Afinal, a crise chegou e, afinal, não houve nem há medida do Governo Regional que a tivesse evitado ou a atenuado.

Primeiro, o Governo existiria e autoproclamava-se o maior porque, incapaz de conhecer a realidade, achava que as coisas não iam correr muito mal; depois, o Governo... passa a não existir porque as coisas correram mal.

Aquela velha pecha de alguns: a culpa própria fica sempre melhor nas costas dos outros.

No caso, a irresponsabilidade na Política.

No primeiro momento, a falta de responsabilidade de tomar medidas, depois, a falta de responsabilidade de assumir as consequências da falta delas.

De facto, a crise não só chegou aos Açores, como chegou de forma mais intensa do que em muitos outros lugares.

A dita “crise” que é, nem mais nem menos, o principal sintoma do absoluto colapso de um sistema ou modelo político implementado em vários países ou regiões do denominado “mundo ocidental”.

Modelo que está a pôr em causa Estados, Sociedades e Economias por esse mundo fora.

Um modelo assente numa acção do Estado desresponsabilizante e diminuidora dos cidadãos.

Um modelo em que o Estado se mete em tudo, tenta controlar tudo, condiciona tudo, para que quem governa

continue a governar pela dependência que cria nos cidadãos.

Um modelo em que os Governos utilizaram os esquemas da Economia e dos poderes financeiros para, com isso, criar uma artificial sensação de conforto nas pessoas, de modo a que estas se sintam bem e, assim, gratas a quem as governa.

Um modelo que acaba, deste modo, engolido pelos próprios esquemas, truques e poderes da Economia e da Finança.

Os Açores, governados por protagonistas e intérpretes perfeitos desse modelo, estão a sentir fortemente os resultados do colapso do sistema.

Não foi tudo mau. É verdade!

Houve alguns progressos e avanços.

Alcançaram-se recursos financeiros importantes, designadamente, com boa negociação ao nível da Lei de Finanças Regionais e com importantes fundos europeus. Há mais habitações e menos barracas, há mais espaços sociais.

De resto, em várias situações, o PSD votou a favor de propostas do Governo Regional.

Mas, os resultados reprodutivos deste modelo político são claramente negativos.

Não foi por falta de dinheiro, pois o Governo gastou, nestes anos, 25 mil milhões de euros, cerca de 100 mil euros por cada açoriano, nem por falta de tempo, com o próximo, são já 16 anos deste modelo de governação.

E os resultados dramáticos na vida real de muitos açorianos são:

14.171 desempregados, em 2003 eram cerca de 2.000. Agora, com este governo, vive-se o maior número de desempregados da História da Autonomia.

18.000 açorianos a viver de Rendimento Social de Inserção, mais do dobro da média nacional.

31.500 famílias (um terço dos Açores) a viver com menos de 540 euros, isto é, abaixo do limiar da pobreza.

Não se produz mais, não se cria mais riqueza, apenas se cria mais dependência, debilidade e condicionamento sobre as pessoas.

Mas, estes efeitos desastrosos também se fazem sentir, de forma demolidora, nas entidades públicas ou dependentes de financiamento público: Algumas não pagam sequer o juro da sua dívida há cerca de um ano; outras não pagam a

fornecedores há mais de seis meses; outras põem em causa a manutenção de postos de trabalho e as condições para pagar salários; há empresas públicas que aumentam o passivo em dezenas de milhões de euros num ano; há escolas que não disponibilizam fotocópias aos alunos por falta de recursos; há associações de bombeiros que vendem ambulâncias para pagar dívidas; há empresas a despedir funcionários e a ponderar o seu encerramento porque entidades públicas não pagam a tempo e horas.

É, de facto, o fim do Sistema!

A sociedade, em grande medida, desresponsabilizada, sem produzir riqueza nem criar emprego, não está a conseguir aguentar os efeitos deste modelo.

Mas o Governo, fechado no seu Mundo, continua a dizer que está tudo bem! E que está no caminho certo.

Faz lembrar aquela pessoa que se vai afundando à medida que caminha no pântano. Alguém alerta e diz que esse não é o caminho, mas o caminhante, em vez de reconhecer e mudar o rumo, responde, com voz engrossada: “Lá nada! Não percebes nada disto! Estás a dramatizar!... Enquanto os ombros já vão desaparecendo no meio do lodo...”

Tudo isto foi assentando em esquemas, truques, habilidades, no “passar para os outros”,

desresponsabilizando-se daquilo para que foram eleitos, ora para dezenas de empresas que criam, ora para quem vier atrás, até 30 anos depois da realização das obras, ora, para a Europa, ora, para Lisboa, ora para a Banca... com isso, também, criando um estigma de falta de responsabilidade na própria sociedade.

Na verdade, a concretização da ideia de que alguém, que não o próprio, há-de sempre resolver... e, assim, a sociedade ficou sem força para responder por si e sair da crise.

Tudo isto também assenta numa “politicazinha da habilidade”, da tentativa de entalar os outros partidos, de falar mal pelo mero exercício de falar mal, da mesquinhice, da partidaritezinha, enfim, perdendo tempo e energia no acessório e esquecendo o que é, verdadeiramente, essencial.

Por tudo isto, os cidadãos estão cada vez mais afastados de quem os representa e, pior ainda, cada vez estão mais desiludidos e sofrem as dificuldades de todos os dias.

Estamos, assim, perante um enorme desafio!

O grande desafio deste tempo! O desafio de transformar a desilusão e o sofrimento em Esperança e crescimento.

É por isso tempo de Mudar de rumo!

Quem foi figurante neste modelo não pode ser protagonista do novo modelo e do novo tempo.

Quem andou pulando de lugar em lugar, sempre dentro deste modelo de política, percebo que não tem condições para contribuir para um novo modelo de política, pela simples razão de que nem quererá esse novo modelo.

Pela nossa parte, acreditamos muito nos açorianos, nas suas forças e nas potencialidades destas ilhas!

A nossa proposta é a profunda mudança de modelo.

É a afirmação convicta de que tem de haver decisivas ruturas.

Tem de chegar o tempo do Estado intervir naquilo em que as pessoas individualmente não forem capazes e não para que as pessoas não sejam capazes.

Tem de chegar o tempo de serem os cidadãos a construir o Estado e não este a condicionar as pessoas.

Passou o tempo do Governo esbanjar nos luxos, na ostentação, nas viagens, nas festas e nos palácios.

Passou o tempo da construção dos edifícios e multiplicação de estruturas, como marca de governação.

Tem de chegar o tempo da política promotora da produtividade, da qualidade de vida, da preservação e valorização do que temos e somos.

O Mar tem de deixar de ser um discurso, para ser uma prioridade.

A Energia tem de deixar de ser uma preocupação para ser uma aposta.

Os transportes têm de deixar de ser um problema para passar a ser um fator decisivo da nossa abertura ao mundo e progresso.

As produções locais não podem continuar a definhar, mas têm de ser uma forma essencial de nos afirmarmos internamente, criando um mercado interno como o PSD tem proposto, e no Mundo que tem de ser o nosso horizonte.

O aumento do desemprego deve deixar de ser um drama, pelo contrário, a sua diminuição tem de ser a consequência de políticas promotoras de desenvolvimento e riqueza.

Tem de chegar o tempo da responsabilidade, da verdade, da partilha, da criatividade e da inovação.

É este o enorme desafio que temos pela frente.

É esta a enorme Esperança que nos dá força para o enfrentar!

Disse.